

## “Chico Rápido”

Ariú Suruba (Aldo Arrais).

“Chico Rápido”, foi um dos tipos populares mais curiosos e queridos que Alenquer já teve. Desengonçado, baixote, lerdo, manso, encurvado pra direita, falando enrolado e grosso, sempre descalços, pés chatos e tortos, com enormes dedos esparramados, mãos bem pequenas, calça larga segura no rendengue com cinturão de Envira, olhos miúdos vivos e muito meigos, camisa aberta no peito e um sorriso permanente de inocência e de bondade no rosto comprido, onde alguns fios de barba branca e rala, lhe davam um ar precoce de velhice.

Ria à toa, à bessa: ria de tudo. Ria de todos nós, de nossos problemas, de nossas constantes preocupações, de nossas dores e frustrações, alegrias e tristezas. Sorriso enorme, franco, aberto e puro, sorriso grande do tamanho da rua onde morava.

Tipo curioso e bom, primeiramente bom. Pessoa inofensiva, prestativa, sem vícios, sem bebidas e sem maldades. Levando e trazendo cambadas de peixe, fazendo recadinhos e biscates, naquele andar e passadas largas e vagarosas, devagar e sempre, entregando encomendas, embrulhos e bandejas de doces, latas de carvão, levando sempre no destino certo, recebendo gorjetas miseráveis.

Não se apresentava nunca e nem por nada. Ganhou o apelido de “Chico Rápido” (mais um dos gritantes contrastes de Alenquer) porque fazia tudo devagar, calmamente, lentamente, como alguém que tivesse disputando com o tempo o direito de viver sem pressa.

Nunca fez mal a ninguém e jamais se aborrecia, nem mesmo quando dona Alquimina, sem razão, lhe puxava as orelhas de abono ou lhe dava uns cocorotes. Contava a seu modo. Gesticulando mais do que falando as fofquinhas e mexericos diários da cidade. Conhecia muita gente e torcia pelo clube “União Esportiva”, por influência talvez da própria vizinhança, da casa do Dr. Hage, bem defronte, ele que foi o maior e o mais apaixonado Unionista de Alenquer; entrou no paraíso vestindo a camisa azul e branca e levando um escudo do União no peito, e por isso, só por isso, São Pedro lhe abriu as portas da mansão celeste, cochichando: “pode entrar companheiro, a casa é sua”. Não perdia um velório, e velava todos os defuntos conhecidos. Não falava, ficava sentado, no canto a noite inteira, quieto, escutando, sorrindo, cochilando... Apenas uma vez se descontrolou, virou bicho, e quebrou com um talo de palha, a cabeça do moleque Bacu e a testa do Amiraldo. Também assim era demais. Jogaram merda fresca de gado na roupa nova que ganhou de presente do meu saudoso compadre Cláudio Guimarães, o maior boêmio ximango de todos os tempos.

Nunca andou com mulher alguma, morreu virgem de sexo e amor. Ficava no sereno espiando, até que as festas terminassem para ajudar os músicos levarem os instrumentos de sopro, somente pelo costume de ser útil, de servir, de agradar.

Vivia feliz porque nada ambicionava e nem tinha sonhos de grandeza.

Mesmo escandalizado, ficava horas e horas ouvindo com atenção as piadas maldizentes e as críticas ferinas com que Jofre, Luizinho e Cururu que gozavam da vida dos outros nos bares, O Senado ou Nik Bar.

Enchedor de água de mão cheia, rua acima, rua abaixo, levando lata ou pote na cabeça.

Morreu atropelado, quando fazia um pequeno carreto, numa linda tarde de verão, em frente ao Mercado Municipal.

Não se afobou nem na frente do carro, da morte, da fatalidade.

Morreu como viveu, placidamente, sem um gemido, sem um queixume, sem um gesto de revolta ou de protesto, sem uma reclamação, sem uma lágrima sequer...

“Chico Rápido” morreu. Na vida fez tudo devagar... Mas entrou muito “rápido” no céu.